

Prática etnográfica, experimentação e pensar coletivoAndrea Barbosa¹**Resumo:**

Trata-se aqui de mapear o percurso teórico e metodológico do Visurb-Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp, que se propôs a realizar em seus 10 anos uma série de reflexões e experimentações a partir da experiência etnográfica e do pensar coletivo.

Palavras-chave: etnografia – grupo de pesquisa – produção de conhecimento – antropologia visual – antropologia urbana

Abstract:

In this article I present a map of the theoretical and methodological path crafted by Visurb-Group of Visual and Urban Research of Unifesp in its 10 years of existence. The group is working together in a series of reflections and experiments based on ethnographic experience and collective thinking.

Key words: ethnography – research group – production of knowledge – visual anthropology – urban anthropology

A antropologia contemporânea tem trazido questões teóricas fundamentais para a construção do conhecimento, como a das simetrias (Latour, 1994 e Wagner, 2010) e do perspectivismo (Viveiros de Castro 1996, 2002). Para essas propostas, não se trata de desconsiderar ou abolir diferenças, mas de pensar como se estabelecem conexões entre campos semânticos heterogêneos, formas distintas de pensar e agir e como podemos construir uma antropologia que, criativamente, dê conta de enfrentar esse novo contexto epistemológico. Goldman e Viveiros de Castro, ao lançar o manifesto da rede Abaeté de Antropologia Simétrica, explicitam o movimento primeiro de romper “com uma divisão de “especialidades” que apenas reflete o grande divisor ontológico nós/eles que há muito tempo a antropologia proclama ter abolido [...]”². Essa proposta coloca em diálogo não somente diferentes áreas do conhecimento, mas epistemologias diferentes, formas distintas de pensar e agir como antes apontado. O movimento contínuo de reflexividade e reinvenção não é uma novidade no campo antropológico, acho mesmo que essa é quase uma vocação

¹ Professora Associada de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da UNIFESP. acmmb66@gmail.com

² Ver <https://sites.google.com/a/abaetenet.net/nansi/abaetextos/manifesto-abaet%C3%A9>

dessa disciplina, se levarmos a sério a proposta de Wagner (2010) de que todos somos nativos e também antropólogos. A necessidade de compreender as epistemologias (não culturas ou sociedades) que nos parecem opacas constituiria, assim, uma reflexividade própria ao conhecimento antropológico.

Esses autores apontam e apostam na radicalização do poder subversivo da prática etnográfica como o aporte privilegiado para os desafios que a disciplina se coloca no presente. Contudo, como pensar uma prática antropológica como a etnografia, pensada comumente como uma experiência singular do encontro entre sujeitos que são postos em relação – o antropólogo e seus interlocutores – como uma possibilidade de construção coletiva? Digo, quando ativamos o termo etnografia estamos pressupondo uma ação relacional na qual temos um único sujeito que se relaciona com um ou mais sujeitos na construção de um conhecimento muitas vezes compartilhado, mas, na maioria das vezes, do lado acadêmico, construído a partir de uma relação na qual existe uma catalisação ou centralidade na figura de um único indivíduo – o antropólogo ou antropóloga. Como pensar os desafios propostos para uma etnografia construída por uma multiplicidade de sujeitos também no lado de cá? No lado dos que praticam a antropologia.

Poderíamos pensar a prática etnográfica como um contexto propício para o encontro, não apenas entre o já contestado “nós e os outros”, mas um encontro entre nós antropólogos e antropólogas em busca de uma prática menos dualista, menos individual e mais conjunta (fazendo junto, estando ligado à mesma prática). Uma etnografia nesses termos seria um verdadeiro acontecimento. Um esforço dos praticantes na construção de um campo semântico comum a eles, ao mesmo tempo em que constroem as relações com o contexto heterogêneo onde habitam e praticam a antropologia. Etnografia assim vivida “não é método” (Peirano 2014), mas experiência (Magnani, 2009), ou como nós definimos, um acontecimento: um encontro único, sempre novo, porque criativo na medida em que os elementos em relação são sempre novos, sempre mutantes e os desafios de compreensão moventes e movediços.

A questão que trago aqui, portanto, é como fazer uma antropologia coletivamente. Onde antropólogos (as), no plural, constroem relações intensivas em um campo de problemas comuns e partilham não só teoricamente, mas corporeamente a experiência etnográfica. Essas práticas acontecem mais do que os artigos, dissertações, teses e monografias da área nos fazem perceber. O problema, talvez, seja que nós antropólogos (as) não estamos dando o devido valor para essas experiências coletivas em favor de uma hipervalorização da construção do conhecimento autoral e individual por parte da comunidade científica.

O grupo

Desde 2006 tenho atuado como professora de antropologia no Departamento de Ciências Sociais da UNIFESP. Em 2007 abrimos nossa primeira turma de graduação e, em 2010, nossa primeira turma de pós-graduação. Desde o início senti a necessidade de formar um grupo de pesquisa para que a experiência de pensar junto a construção do conhecimento tivesse centralidade na minha atuação no recém-criado campus de humanidades da UNIFESP. Ainda em 2007 formamos o VISURB - Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas com o intuito de iniciar uma formação de base teórica e metodológica comum. O grupo tem como objetivo mais geral enfrentar questões referentes ao uso da imagem na pesquisa em Antropologia e, como objetivo mais específico, nossa proposta é lidar com questões na fronteira entre a antropologia visual e a antropologia urbana.

Os temas e contextos de pesquisa que enfeixam as atividades do grupo são bem variados: as relações num contexto de sociabilidade urbana, as práticas culturais na cidade, a participação de grupos de jovens nessas práticas, as relações entre espaço, imagem e memória. O pensar com e por imagens e sons figura nessa perspectiva de pesquisa como grande aliada para perceber o movimento próprio da vida. Está integrada à prática etnográfica e, portanto, também não é apenas método, mas articulador de questões teóricas.

Nossa prática se alicerça, desde o início, nas discussões de ideias, textos, filmes e outras imagens agrupados como referências equivalentes para nos acompanhar em um tema ou questão específica que buscamos enfrentar. Lado a lado com essas discussões e o desenvolvimento dos projetos individuais de pesquisa, empreendemos a realização de projetos coletivos (sejam de extensão ou de pesquisa) como o Projeto de Extensão "Pimentas nos Olhos" que desde 2009 realiza oficinas fotográficas, e ainda os projetos filmicos como o homônimo "Pimentas nos olhos" (2015), "Cidade de Celina" e "Baloeiros de São Paulo" que ainda estão em produção. Somos muitos. Muitas inquietações, muitas ideias, muitos. Pensando agora, depois desses dez anos do início de nossas atividades, vejo o quanto percorremos. O quanto construímos e o quanto aprendemos uns com os outros e com o mundo nessa caminhada. Juntando alguns dados podemos ver um conjunto de 23 monografias e pesquisas de iniciação científica, 17 dissertações de mestrado além de

muitas fotografias, livros, artigos, eventos científicos e projetos e ações de extensão³. Somos muitos. O muito aqui não é uma questão de número de pesquisadores que compõe o grupo ou do número de *outputs* que produzimos, mas o muito que cada um de nós somos quando estamos juntos.⁴ Ao ressaltar esta face múltipla e compartilhada do grupo, não espero minimizar a produção que se realiza nas pesquisas individuais, mas evidenciar o tanto de troca e pensamento “com-junto” que habitam essas reflexões e que nem sempre se expressam nos textos destas pesquisas. Neste sentido, escolhi falar aqui sobre nossa experiência de práticas coletivas.

Pimentas nos olhos

Em 2009, junto ao meu projeto de pesquisa “Onde São Paulo acaba?”⁵, construí um *setting* etnográfico apoiado na realização de oficinas fotográficas com jovens moradores do bairro dos Pimentas, local onde se localiza o campus da EFLCH/Unifesp. As oficinas foram organizadas na forma de um projeto de extensão – o projeto Pimentas nos olhos – que contava com o envolvimento de todos os pesquisadores do VISURB e também com o apoio da Pró-reitoria de extensão da UNIFESP (por meio de bolsas de extensão) e do Cursinho Comunitário dos Pimentas, uma ONG atuante no bairro desde 2002. O desafio que propúnhamos aos jovens participantes das oficinas era elaborar o grau de atenção que despendem ao lugar onde vivem. É mirar a câmera para fora, quando a maioria deles, no cotidiano, tem a câmera apontada para si produzindo fotos para circular nas redes sociais onde suas “personalidades” têm lugar prioritário. Olhar para fora significa, nesse sentido, olhar para o seu cotidiano no bairro, para as ruas, para as pessoas que nele vivem, para o que é corriqueiro e “sem importância”, como alguns dizem num primeiro momento. Outro movimento das oficinas é também o de despertar esses jovens para a construção do olhar fotográfico. Discutir a fotografia como técnica e linguagem e, por isso mesmo, como forma de expressão que articula regras, convenções e imaginação. Elaborar o olhar e a vontade de construir sentidos por meio da fotografia. A estrutura da oficina e a elaboração das aulas eram feitas conjuntamente pelos pesquisadores envolvidos, mas a cada uma das 12 edições esse objetivo ganhava elementos e traços diferentes conforme a relação e a interação com os jovens se efetivava. O projeto ainda hoje está em atividade e muito cedo se descolou da pesquisa inicial que o forjou e ganhou uma dimensão própria na relação do grupo e da

³ As dissertações, monografias, artigos e produção audiovisual do grupo podem ser acessados no site do Visurb: <http://visurb-unifesp.wixsite.com/visurb-unifesp>

⁴ Estão todos presentes no site do grupo. Cada um à sua maneira, mas todos lá.

⁵ Projeto Jovem Pesquisador financiado pela Fapesp Processo: 08/10541-0 Esta pesquisa teve como objetivo mais amplo refletir sobre os fluxos das identidades e alteridades criados por jovens moradores de um bairro “periférico” de Guarulhos – O Bairro dos Pimentas na sua dupla relação com Guarulhos e com São Paulo.

universidade com os moradores do bairro. De prática etnográfica de um projeto de pesquisa, passou a alimentar várias outras pesquisas⁶ e outras práticas. Como as que alguns pesquisadores que se tornaram professores de sociologia na rede estadual de ensino e que levaram a experiência das oficinas para suas salas de aula como uma forma de provocar a reflexão conjunta com seus alunos sobre a sua relação com o bairro onde moram.⁷

Essa foi nosso primeiro projeto coletivo.

Etnografias coletivas

[A] “etnografia é parte do empreendimento *teórico* da antropologia. Não se trata de um “detalhe metodológico” que antecede uma teoria; a indagação etnográfica em si *já tem um caráter teórico*, porque somente (ou principalmente) ela nos permite questionar os pressupostos então vigentes pelas novas associações ou novas perguntas que nos proporciona: como já dizia Malinowski, novas pesquisas levam à “transformação de um ponto de vista teórico”; (Peirano 2014, p.9)

“[...] a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.” (Magnani, 2009, p.135)

Desde 2014, ao mesmo tempo que as experiências do Projeto Pimentas nos olhos alimentavam nossas discussões sobre a imagem e sua relação com a pesquisa, a questão da realização de etnografias coletivas também se tornou importante para o grupo e a discussão de termos como “compartilhado”, tão caros a uma antropologia mais contemporânea, foi se desdobrando como questão para pensar a própria forma como montávamos os quadros de nossas pesquisas e os nossos problemas. O que exatamente é esse compartilhar? E mais, por que “trocar” e “compartilhar” parecem ser atributos da

⁶ Vejam as monografias e pesquisas de IC de Carolina Alves Brito, Fernanda Matos, Bárbara Sá e Paula Harumi em: <http://visurb-unifesp.wixsite.com/visurb-unifesp/sobre-1-c1gw0>

⁷ Ver artigo de Ana Lúcia Aguiar, Fernanda Matos e Fernando Filho presente neste dossiê.

relação entre pesquisador (singular) e pesquisados (no plural)? Porque não falamos dos pesquisadores (no plural) e suas trocas que transbordam (no seu duplo sentido de deslocar e exceder) para as trocas com o contexto, seja ele de pessoas ou coisas, com as quais realizamos as conexões mais heterogêneas – as conexões etnográficas.

Nossa prática experimental começou com uma preocupação com o espaço que nos é mais próximo – o da cidade que habitamos - e a experiência que construímos dele a partir de uma ideia de percepção e prática cotidiana. Autores como Simmel (1996), Giuliana Bruno (2007), Francesco Careri (2013) e Michel de Certeau (1994)⁸ nos provocaram a pensar como nos colocamos em campo numa pesquisa. Que problemas surgem a partir de uma prática do espaço que alia percepção, memória e política? Que cidade e que imagens da cidade construímos com nosso corpo pesquisador? A ideia de paisagem foi a primeira a entrar em jogo. Fomos mobilizados por uma ideia que articulasse articulava uma dimensão física e observável da paisagem e outra que se insinua a partir da experiência do espaço, da nossa relação háptica e subjetiva com ele. O háptico, como usamos aqui, é definido por Giordana Bruno (2007) de acordo com a etimologia grega que significa “possível de se entrar em contato”. Háptico é um sentido da pele – o tato - e é, portanto, fruto do contato recíproco entre nós e o ambiente. Esta função também está relacionada à cinestesia, ou a habilidade dos nossos corpos de sentir o seu próprio movimento no espaço.

Para Simmel (1996), a paisagem não é simplesmente um belo lugar que a vista alcança, mas sobretudo o lugar onde o homem se instala com familiaridade com o seu meio e consigo mesmo. É algo evocativo do modo mais íntimo de inserção do humano numa ordem do mundo de que é participante. A paisagem evocada aqui, portanto, não está apenas no mundo (objetivo), mas na relação familiar que estabelecemos com ele. Desta forma, se a paisagem só é paisagem quando é reconhecível como tal, ou seja, quando é a imagem reconhecível do lugar que existe no território do qual é a forma visível, então mesmo quando tomada como algo objetivo e permanente, ela só existe quando há um sentido humano que a preencha de significado (SIMMEL,1996). Ela se faz a partir da articulação entre o que é coletivo e individual, entre o objetivo e o subjetivo/intersubjetivo. A paisagem é, nesse sentido, resultado de uma forma de conhecer que desenvolvemos. É resultado de uma epistemologia específica. Como desenvolvi em outro texto ao me referir a personagens que habitam as cidades cinematográficas (Barbosa,2012), no nosso contexto “ocidental” é na objetivação do espaço que se exercem as possíveis subjetividades.

⁸ Gostaria de agradecer a Janaína Sant’Ana de Andrade e Lindolfo Sancho por apresentarem ao grupo autores tão instigantes como Giuliana Bruno e Francesco Careri respectivamente.

O cinema, inclusive, me parece ser um locus privilegiado para acompanhar esta produção da paisagem simultaneamente objetiva e subjetiva. Ele mesmo como espaço habitável e háptico. Giordana Bruno, em seu *Atlas of Emotion* (2007), nos mostra diversos processos de configurações do espaço partindo da análise de pinturas topográficas, cartografias, desenho de paisagens e visões panorâmicas. Na verdade, para a autora a questão que se coloca é como as pessoas habitam e configuram espaços diversos, inclusive os espaços cinematográficos. Muito inspiradora, a resposta que ela nos oferece está na relação háptica que construímos com o ambiente que nos cerca. Os corpos e suas subjetividades em movimento dão forma a textura ao espaço habitado produzindo um conhecimento com e sobre ele. Um conhecimento afetado pela (e)moção (*e-motion*). (E)moções, que são produzidas dentro do tecido que tocamos e que nos toca⁹.

Movimento, deslocamento e um conhecimento háptico do espaço estão também no cerne do problema da constituição da paisagem para Careri (2013). Para este autor, é entre a cidade fixada pela ideia de urbanismo - que ele situa como uma característica sedentária da vida humana -, e a cidade inventada pelo nomadismo da caminhada, que se situa a ideia de paisagem transformada em lugar.

Seguindo esta ideia, o autor aponta que o percurso é simultaneamente o ato da travessia (o deslocamento), a linha que atravessa o espaço (ou seja, um objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado - uma estrutura narrativa (Careri, 2013, p.31).

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares (Idem, p.51)¹⁰.

⁹ Janaína Sant'Ana de Andrade tem aprofundado esta questão do cinema como espaço habitável e sobre a noção de háptico desenvolvida por Giuliana Bruno em sua pesquisa de mestrado "ANTROPOLOGIA EM MOVIMENTO: MULHERES, ESPAÇO E DESLOCAMENTO NO CINEMA COMO LUGAR ETNOGRÁFICO". Parte desta discussão pode ser acompanhada no artigo que a autora publica neste dossiê.

¹⁰ Lindolfo Sancho aprofundou as reflexões dessa ideia de Careri em sua pesquisa de iniciação científica e monografia "ANTROPOLOGIA NO CAMPO EXPANDIDO: INTERSECÇÕES ENTRE ANTROPOLOGIA E ARTE NO ESTUDO DO ESPAÇO SOCIAL" disponível em: <http://visurb-unifesp.wixsite.com/visurb-unifesp/sobre-1-c1gw0>

Essas discussões foram acompanhadas pela experiência de realizarmos, cada um a sua maneira, uma cartografia (e)mocional do entorno da unidade provisória do campus da Unifesp/EFLCH, situado no centro da cidade de Guarulhos. Demos uma volta juntos. Aguçamos nossa percepção. Voltamos cada um no seu tempo e produzimos nossos mapas. Uns com fotografias, outros com desenhos e ainda outros com colagens, fomos elaborando/fabulando nosso lugar e essa paisagem. Resolvemos (com)juntar todos esses mapas e conversamos sobre as superposições, diferenças e surpresas que esse movimento nos ofereceu. Nossa pergunta inicial ao irmos para o campo era: Como pensar a ideia de paisagem urbana a partir da relação dos sujeitos com este ambiente e de suas escolhas na elaboração ou fabulação de um percurso (caminhado e cartográfico) significativo na cidade? Percurso que articularia sempre memória, prática da cidade, imagens e outras referências (o que Featherstone, 1995, chamou de *mediascape*) e desejo.

Da ideia de paisagem como algo evocativo do modo mais íntimo de inserção do humano no mundo de que é participante (Simmel 1996), passamos pela ideia de espaço inventado na sua relação háptica com os sujeitos que o habitam (Bruno, 2007) e ainda pela ideia de lugar mapeado discursivamente e praticado corporalmente (Certeau com suas táticas e astúcias espaciais, 1994 e Careri, 2013). Nesse percurso, para parafrasear Careri, caminhamos juntos e produzimos nosso lugar de pesquisa.

O projeto rios, tempo e cidades

“Perception is imaginative, then, in so far as it is generative of a world that is continually coming into being with and around the perceiver, in and through his or her own practices of movement, gesture and inscription.” (INGOLD, 2012)

Partindo dessas primeiras reflexões práticas e inquietações realizamos, entre 2015 e 2017, um programa de etnografias coletivas que compartilhavam um problema/tema comum: “Rios, tempos e cidades”. Nesse projeto buscávamos elaborar uma reflexão sobre a relação entre as pessoas, as cidades e seus rios a partir de saídas de campo coletivas nas cidades de São Paulo, Itanhaém e Guarulhos¹¹, o que gerou discussões sobre a relação

¹¹ São Paulo e Guarulhos foram escolhidas por serem experiências compartilhadas por todos de alguma forma e Itanhaém por ser uma cidade conhecida por poucos no grupo, mas para a qual fomos atraídos a partir de um encontro com o professor Antônio Fernando Monteiro Camargo do Departamento de Ecologia da UNESP Rio

entre natureza e cultura como um problema antropológico e a percepção e prática do espaço como caminho para enfrentá-la.

Nossa busca era potencializar a experiência do grupo com as etnografias coletivas e, ao mesmo tempo, incorporar outras possibilidades nessa prática como a produção de um caderno de campo gráfico com fotografias, desenhos, anotações e objetos. O corpo, a partir da discussão da qualidade háptica do conhecimento, assume lugar central nessa proposta, seja por meio das caminhadas onde o tempo e a relação com o espaço e as pessoas é outro, seja na confecção do próprio caderno de campo, processo que o torna mais do que mero suporte para anotações, mas expressão do próprio fazer antropológico (uma espécie de sinédoque). Outro objetivo era trabalhar a hipótese de que as relações que são tecidas no processo de pesquisa, quando mobilizamos outras linguagens ou formas expressivas, nos oferece outros caminhos epistemológicos¹². Nos propusemos a desenhar mapas afetivos, desenhar paisagens, fragmentos, memórias, fotografar com olhares atenciosos e curiosos momentos de tempo e espaço desse processo.¹³

Todo esse movimento não é nada fácil. Estamos a todo momento nos questionando, voltando um pouco, experimentando outros caminhos. Mas o mais trabalhoso mesmo nessa escolha é olharmos para a essa forma de construir o conhecimento antropológico como mais uma forma possível de construir conhecimento. Neste sentido, nossa busca é pelo encontro, e muitas vezes confronto, com essas diversas formas de conhecer. Seja essa heterogeneidade interna ao grupo onde cada uma traz consigo suas referências e a elas vai amalhando as que inventamos juntos, seja as que encontramos no mundo. Não um mundo genérico, mas o mundo ao qual nos colocamos como parte e processo. Todo esse trabalho fortalece e adensa o movimento do grupo na busca de seu lugar de pesquisa e conhecimento.

O desenho, a fotografia e o filme formam o assentamento deste terreiro semântico comum que habitamos e que se situa entre nós (nós mesmos, no plural) e o mundo. E por fim nos perguntamos: que tipo de antropologia fazemos então?

Claro. Antônio nos provocou, como antropólogos, a visitar a bacia do rio Itanhém e pensar juntos num projeto interdisciplinar sobre a relação dos rios com a cidade.

¹² Apresentei essa hipótese em relação ao uso da imagem na pesquisa antropológica apoiada nas reflexões de Etienne Samain. Ver Barbosa, 2009.

¹³ Fernando Camargo desenvolveu ao longo de sua pesquisa de mestrado “NAS MARGENS DO RIO PIRACICABA: O PESCADOR E OUTRAS TEMPORALIDADES DA RUA DO PORTO” defendida em 2016, um caderno de campo visual. Essa “tática” etnográfica ofereceu um caminho muito frutífero para a pesquisa. Dissertação disponível em: http://www2.unifesp.br/ciencias_sociais/dissertacoes-defendidas-versao-final/fernando-camargo e o caderno de campo visual foi publicado em: <https://cadernosaa.revues.org/1139>

Todo esse percurso foi uma experiência muito mobilizadora para o grupo, e constatamos que produzíamos muita “coisa” juntos nesses encontros, práticas e discussões. Constatamos também que todas essas “coisas” circulavam pelos trabalhos individuais de pesquisa, mas não se destacavam, eram alinhavadas nas reflexões individuais de forma indissociável e percebemos que seria interessante para nós olhar com mais vagar para elas. Desta constatação surgiu a ideia de intensificarmos as experiências etnográficas coletivas e mais, que nos propuséssemos a produzir reflexões também coletivamente em forma de imagens e textos. Assim foram realizados o filme *Pimentas nos olhos, Celina e a cidade* e ainda *Baloeiros de São Paulo*¹⁴. Assim foram escritos boa parte dos artigos desse dossiê. Assim foram feitas curadorias das fotografias produzidas pelo grupo em forma de ensaio coletivo (como a que também está presente neste dossiê). Assim estamos provocados até hoje. Não sabemos onde este movimento nos levará, mas sabemos que estamos tomando gosto pelo que ele nos proporciona como antropólogos e como pessoas.

O dossiê

Voltemos às fotografias. Parecem paisagens...

Ouçoo muito isso. Não é uma observação que me agrada. As paisagens atravessam-se, percorrem-se, não a vivemos. Quando as paisagens nos ferem, ou nos comovem, ou nos indignam, deixam de ser paisagens e tornam-se acontecimentos. (Aqualusa, 2017)

Este dossiê é fruto, pois deste processo e percurso em que as paisagens que habitamos se tornaram, para nós, a partir do processo etnográfico, um acontecimento.

Escolhemos iniciar o conjunto de artigos com o texto de Janaína Sant’Ana de Andrade “caminhando com as águas: notas sobre espaço e corpo no fazer etnográfico” que apresenta os percursos de três experiências etnográficas (duas experiências coletivas e uma individual) realizadas em torno da relação entre rios, o espaço que os cerca, e os indivíduos que habitam este espaço. A partir destas experiências a autora constrói uma reflexão sobre a relação que se constrói com o espaço que inclui o corpo que se move em um movimento do conhecer etnográfico. Janaína, como já apontei antes, parte da ideia de conhecimento háptico de Giuliana Bruno e nos guia nesse percurso que faz com os rios.

¹⁴ Mais informações sobre esses processos a para ter acesso aos filmes ver <http://visurb-unifesp.wixsite.com/visurb-unifesp>

Em seguida temos o artigo “Caminhadas e narrativas: a pesquisa antropológica em movimento”, eminentemente um exercício teórico, mas não somente, de Rodrigo Baroni. A proposta aqui é colocar o processo de pesquisa antropológico enquanto uma caminhada numa tentativa de restituir o movimento ao pensamento antropológico, ao mesmo tempo em que insere neste movimento o(s) corpo(s) do antropólogo(a). Assim como Janaína, o conhecimento como próprio movimento praticado pelo antropólogo(a) é a questão. O texto nos apresenta um exercício de elaboração da questão a partir de vários autores como Tim Ingold e Michel de Certeau. Mas o exercício vai além e procura abrir novas questões dentro do escopo desta mesma problemática.

Em seguida, Dayane Fernandes e Felipe Figueiredo nos apresentam seus caminhos entre os “Saberes e sabores de um corpo-etnógrafo no mundo”. Com o corpo do antropólogo(a) ainda como foco da reflexão sobre a construção do conhecimento etnográfico, os dois dialogam a partir de suas experiências específicas e da premissa de que o nenhum corpo é neutro. O jogo de palavras do título não é uma brincadeira, mas uma metáfora ainda que bem-humorada que recupera a origem etimológica da palavra “saber” (que é a mesma de “sabor”), associando-a à produção de conhecimento. Nesse sentido, eles refletem sobre como a percepção não se dá somente por um processo mental, mas que é, sobretudo, corporal. Sim, mas de quais corpos falamos? Qual o lugar do corpo e dos sentidos do etnógrafo em campo? Foi a partir deste encontro de dois corpos específicos e do compartilhar do interesse na situação etnográfica que essas questões puderam ser elaboradas neste artigo.

No próximo artigo focamos a relação das cidades com seus rios a partir de duas experiências etnográficas bem diferentes e de cidades igualmente bem diferentes. Fernando Camargo e Felipe Souza Pinto enfrentam o desafio de pensar as questões mais teóricas da antropologia urbana e mesmo da teoria antropológica contemporânea a partir desta questão que perseguimos em nossas etnografias coletivas. O artigo “Das margens brotam cidades: experiências etnográficas entre rios e cidades”, discute a tradição dos estudos urbanos no Brasil, onde os rios ora aparecem como problema urbano, quando se tornam obstáculos para a construção de avenidas, provocam enchentes, tornam-se lugares de descarte, ora aparecem como patrimônio cultural, quando é reconhecida sua importância para o desenvolvimento urbano, ou ainda quando são vistos como vestígio de uma natureza soterrada pelo asfalto. E a partir desta discussão e dos contextos etnográficos específicos de cada um que foi possível para os autores perceber a emergência de preocupações “ecológicas” nos grandes centros urbanos baseadas em um olhar integrador entre a natureza e as necessidades da vida metropolitana. Piracicaba e o bairro do Capão Redondo

em São Paulo, Fernando e Felipe se encontram e se enfrentam nessa experiência de pensar junto e escrever junto.

O desafio de pensar e escrever junto também foi enfrentado por Ana Lídia Aguiar e Fernanda Matos quando nos apresentam o artigo “Aprendendo a ‘olhar’: imagem, etnografia e a prática em sala de aula”. As autoras têm longa atuação no grupo e participaram de várias edições do Projeto Pimentas nos olhos. Fernanda Matos, inclusive, dirigiu o filme homônimo ao projeto em parceria comigo. Ambas atuam como docentes no ensino público do Estado de São Paulo e levaram essa experiência que tivemos no projeto para suas salas de aula. Cada uma à sua maneira, dialogando com seus contextos específicos, foram reinventando os processos que experienciamos no Visurb. O coletivo aqui ganha outra faceta, o da reverberação em cada um. Ora usando fotos, ora usando vídeo, as oficinas levadas para a escola trazem novas questões sobre o lugar que o bairro ocupa na vida dos jovens.

Finalizando, Fernanda Matos realiza uma curadoria muito instigante das imagens fotográficas produzidas pelos pesquisadores em nossas saídas coletivas no projeto “Rios, tempos e cidades” e, mais especificamente, das imagens produzidas na experiência etnográfica que tivemos na bacia do Rio Itanhaém. Nessa empreitada, tivemos a importante parceria do Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance (NAIP/UNESP – Araraquara), e do Prof. Dr. Antônio Fernando Monteiro de Camargo (Unesp/Rio Claro) pesquisador do Centro de Pesquisas do Estuário do Rio Itanhaém “Samuel Murgel Branco”. Na saída etnográfica coletiva percorremos de barco o Rio Itanhaém (região do estuário), Rio Branco (águas barrentas); Rio Mambú (águas claras), Rio Aguapeú (águas pretas) e Rio Preto. Visitamos a Praia dos Pescadores e a Praia do Sonho; o Centro Histórico e a Trilha da Serra do Mar. As imagens deste ensaio trazem paisagens, situações, lugares e pessoas inseridos no espaço envolvendo a cidade e seus rios, seu cotidiano e memórias.

Gostaria, por fim, de agradecer a todos os pesquisadores e colaboradores que nos ajudaram nessa caminhada dos primeiros 10 anos. Sim, esperamos que tenhamos vida longa e criativa. Gostaria de agradecer também aos pesquisadores que não estão publicando neste dossiê, mas que produzem pesquisas e reflexões muito interessantes que já foram publicados em outros lugares ou que ainda serão. Um agradecimento especial a Debora Costa de Faria e Lindolfo Sancho por terem revisado e formatado todo o material deste dossiê com sua leitura atenta e perspicaz.

Vida Longa ao Visurb!

Referências Bibliográficas:

AGUALUSA, José Eduardo. A sociedade dos sonhadores involuntários. São Paulo: Planeta, 2017.

BARBOSA, Andrea. São Paulo cidade Azul. São Paulo: Alameda, 2012.

_____. Significados e sentidos em textos e imagens. In Barbosa, Andrea, Cunha, Edgar Teodoro da, Hikiji, Rose Satiko G. Imagem-Conhecimento. Campinas: Papirus, 2009.

BARCELOS NETO, Aristóteles, RAMOS, Danilo, BUHLER, Maíra, SZTUTMAN, Renato, MARRAS, Stélio, MACEDO, Valéria. Abaeté rede de Antropologia Simétrica. Entrevista Com Marcio Goldman e Eduardo Viveiros de Castro, Revista Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

BRUNO, Giuliana. Atlas of Emotion. Journeys in art, Architecture and film. London: Verso, 2007.

CARERI, Francesco. Walkscapes. O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano 1: Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e Pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

INGOLD, Tim e VERGUNST, Jo Lee . Ways of walking. Ethnography and practice on foot. Farnham: Ashgate Publishing, 2008.

INGOLD, Tim e JANOWSKI, Monica. Imagining landscapes: past, present and future. Farnham: Ashgate Publishing, 2012.

LATOUR, BRUNO. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

Magnani, José Guilherme Cantos. Etnografia como prática e experiência. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

Peirano, Marisa. Etnografia não é método. In Horizontes antropológicos, s, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SIMMEL, Georg. A Filosofia da paisagem. In: Revista Política e trabalho, n.12, setembro, 1996, p.05- 09.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio". Mana 2(2): 115-144.

_____. 2002. "O nativo relativo". Mana 8(1): 113–48

WAGNER, ROY. A invenção da Cultura. São Paulo: Cosac Naif, 2010.